

A narrativa em comunidades quilombolas: fortalecimento de vínculos e saúde mental

The narrative in quilombo communities: strengthening bonds and mental health

La narrativa en las comunidades quilombolas: fortalecimiento de vínculos y salud mental

Recebido: 30/04/2023 | Avaliado: 01/06/2023 | Publicado: 02/06/2023

Hortencio Cavalcante Ferro¹

Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Brasil
hortencioferro@gmail.com

Saulo Luders Fernandes²

Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Brasil
saulo@ip.ufal.br

Resumo

O estudo investiga a atuação da narrativa e da oralidade como dispositivo de fortalecimento de vínculos e produtora de saúde mental nos territórios quilombolas. De modo a identificar o ato de narrar e a oralidade como práticas promotoras de saúde mental no território. Este estudo é resultado de pesquisa realizada entre os anos de 2020 à 2021. A pesquisa teve como metodologia a pesquisa qualitativa de caráter descritivo. Foram utilizados materiais bibliográficos como: artigos, dissertações, livros e documentários, que abordam a temática da narrativa e da oralidade em territórios tradicionais. Os instrumentos usados para o campo de pesquisa foram: entrevista semiestruturada e diário de campo. As análises foram realizadas por meio do método de análise de conteúdo por categoria temática. Através das experiências da comunidade fica manifesto que a oralidade é o fio condutor que une as gerações, transmite conhecimento e cria estratégias de luta, promovendo cuidado e saúde por meio das narrativas partilhadas. A tentativa de destruição da memória faz com que essa se imbrique por outros caminhos, nos casos cotidianos, nas contações de histórias, nas receitas de culinária, nos chás e lambedores. Há uma pretensão de um apagamento histórico das comunidades quilombolas, mas estas se preservam e se refazem por meio do contar as suas vidas na relação com seu território a seus pares. Os sujeitos quilombolas utilizam o poder das palavras nos rituais religiosos, curas, prosas habituais e também nos meios formais, gerando assim, organização política que tem como base os valores ancestrais e os vínculos comunitários.

Palavras-chave: Narrativa; Ancestralidade; Comunidade Quilombola.

Summary

The study investigates the performance of narrative and orality as a device for strengthening bonds and producing mental health in quilombola territories. In order to identify the act of narrating and orality as practices that promote mental health in the territory. This study is the result of research carried out between the years 2020 to 2021. The research methodology was qualitative research of a descriptive nature. Bibliographic materials were used, such as: articles, dissertations, books and documentaries, which address the theme of narrative and orality in traditional territories. The instruments used for the research field were: semi-structured interview and field diary. Analyzes were performed using the content analysis method by thematic category. Through the community's experiences, it is clear that orality is the common thread that unites generations, transmits knowledge and creates strategies for fighting, promoting care and health through shared narratives. The attempt to destroy memory makes it overlap in other ways, in everyday stories, in storytelling, in cooking recipes, in teas and lickers. There is a pretense of a historical erasure of the quilombola communities, but these are preserved and remade by telling their peers their lives in relation to their territory. Quilombola subjects use the power of words in religious rituals, cures, usual prose and also in formal means, thus generating a political organization based on ancestral values and community ties.

Keywords: Narrative; Ancestry; Quilombola Community.

¹ Possui Especialização em Ensino de Filosofia e Especialização em Coordenação Pedagógica.

² Doutorado em Psicologia Social.

Resumen

El estudio investiga el desempeño de la narrativa y la oralidad como dispositivo de fortalecimiento de vínculos y producción de salud mental en territorios quilombolas. Con el fin de identificar el acto de narrar y la oralidad como prácticas promotoras de la salud mental en el territorio. Este estudio es el resultado de una investigación realizada entre los años 2020 al 2021. La metodología de investigación fue una investigación cualitativa de carácter descriptivo. Se utilizaron materiales bibliográficos, tales como: artículos, disertaciones, libros y documentales, que abordan el tema de la narrativa y la oralidad en los territorios tradicionales. Los instrumentos utilizados para la investigación de campo fueron: entrevista semiestructurada y diario de campo. Los análisis se realizaron utilizando el método de análisis de contenido por categoría temática. A través de las experiencias de la comunidad, queda claro que la oralidad es el hilo conductor que une a las generaciones, transmite conocimientos y crea estrategias de lucha, promoción del cuidado y la salud a través de narrativas compartidas. El intento de destrucción de la memoria hace que se superponga de otras formas, en las historias cotidianas, en la narración, en las recetas de cocina, en los té y lamedores. Hay una pretensión de borrado histórico de las comunidades quilombolas, pero estas se conservan y rehacen contando a sus pares su vida en relación con su territorio. Los sujetos quilombolas utilizan el poder de las palabras en los rituales religiosos, las curas, la prosa habitual y también en los medios formales, generando así una organización política basada en valores ancestrales y lazos comunitarios.

Palabras clave: Narrativa. Ascendencia. Comunidad Quilombola.

1. Introdução

As narrativas orais ocupam centralidade nas comunidades tradicionais, o caráter sagrado desde as narrativas míticas da criação até os contos e causos do cotidiano. As comunidades de origem africana estão articuladas pela força da palavra (Hampaté Bâ, 2010). A própria geografia da comunidade e suas práticas de saúde e saberes são permeadas pela narrativa oral, onde se presentifica a ancestralidade de seu povo, seja em festas e rituais, ou na pedagogia do cotidiano.

O território quilombola é um lugar vivo e criativo, que envolto pela narrativa constrói histórias e preserva as que ali viveram. É através da oralidade que os moradores se reconhecem como membros pertencentes a uma identidade comum. No diálogo entre si e com a natureza os moradores percebem que as narrativas são evidenciadas a cada instante em suas práticas cotidianas e nos elementos naturais do território que apresentam alguns locais de encontro comunitário, como a sombra de uma árvore, um rio, dentre outros elementos. Assim, a narrativa é um elemento fundamental na preservação e constituição da história dos territórios tradicionais.

Dessa maneira, o estudo tem como objetivo geral a atuação da narrativa e da oralidade como dispositivo de fortalecimento de vínculos e produtora de saúde mental nos territórios quilombolas. Posto que a oralidade compreende elementos que une a natureza e humanidade, um ciclo vital onde todas as coisas estão interligadas. É por meio da palavra que as coisas são criadas, em um movimento semelhante aos ofícios de trabalho do artesão, aquele que dá vida as coisas, as relações com o mundo e os vínculos ancestrais. O narrar possibilita a ligação entre os variados tempos já vividos nas comunidades, permite a emergência de outras histórias que fazem do território um lugar compartilhado de experiências (Hampaté Ba, 2010).

As narrativas orais quando tomadas em rememoração do passado é por vezes registro de uma vida dura, de pouco ou nenhum direito aos povos tradicionais, descreve a afirmação da resistência geracional da população quilombola desde seus ancestrais. O ato de lembrar é também ação política de afirmar as existências como resistências históricas e coletivas, que frente a modernidade instaura outras lógicas de vida, que tem no outro e na partilha das experiências as possibilidades do aprender a viver juntos. Há no narrar a invenção de outros mundos embalados por contos, causos, mistérios e ensinamentos. Narrar não é um ato solitário, ao contrário, é um ato solidário e generoso, nos quais os ensinamentos nunca estão prontos, mas sempre por fazer com quem se encontra ao lado. As narrativas orais são apontadas como um dispositivo autônomo que não necessita da escrita, a narrativa tem por si mesma uma sabedoria que não se deixa cair no esquecimento e que vem a tona para preencher lacunas e apontar caminhos (Simas e Rufino, 2020).

As narrativas orais são os veículos do cotidiano dos territórios tradicionais possibilitando a integração de formas de saberes produzidos em outros espaços temporais, e ao mesmo tempo, compondo novas experiências, reafirmando particularidades na promoção de vínculos e cuidado à saúde coletiva, frente ao ordenamento moderno/colonial que tem na constante produção da informação seus alicerces para deslegitimar as vidas ricas em experiência.

2. Metodologia

O presente estudo define-se por uma pesquisa qualitativa descritiva, com fins de analisar os itinerários terapêuticos de saúde mental de uma comunidade quilombola do agreste de Alagoas. Os pressupostos metodológicos e epistemológicos seguidos no estudo fundamentam-se na perspectiva da psicologia social latino-americana, baseados em Martín-Baró (2009) e Montero (2006), os quais propõem que pesquisar está para além do ato de conhecer, ao contrário, pesquisar apresenta-se como ação transformadora da realidade social estudada. Nesta perspectiva epistemológica o objeto a ser conhecido apresenta-se enquanto sujeito conhecedor, capaz de ações, decisões, carregado de valores e experiências que o colocam enquanto agente na relação da pesquisa. Ao encontro desta concepção de ciência ética e politicamente engajada que a noção de saúde e direitos humanos apresenta-se como referência no desenvolvimento do presente estudo, como concepção que capacita a compreensão da saúde enquanto um direito fundamental que deve ser garantido a todos e capaz de alterar e transformar a realidade vivente (Ayres et al., 2012).

A seleção da comunidade quilombola participante da pesquisa respeitará a relação entre os seguintes critérios: comunidade quilombola localizada na região do agreste alagoano; comunidade quilombola com equipamentos de saúde e educação em seu território; e comunidade com associação remanescente de

quilombos ativa. Na intersecção destes critérios a Comunidade Quilombola Poços do Lunga foi incluída como campo de pesquisa. Localizada na zona rural do município de Taquarana, agreste de Alagoas.

Ao chegamos no território de pesquisa, nossa presença, nosso encontro com alguns moradores causam um estranhamento. Isso me lembra Serres (1993), ao falar do híbrido que ao retornar já não é um mesmo, mas um diferente, ou melhor, um duplo. O qual conserva algumas características, mas outras estão na contra mão, pela tentativa de se fazer um universal. Contudo, essa tentativa pode nos deixar fragmentados, de modo que se adequa a várias situações, porém sem pertencer a lugar algum.

Dessa forma, o pesquisar também nos coloca em um questionamento sobre nós mesmo, pois como afirma Lévinas “num certo sentido, nada é mais incomodo que o próximo” (2011, p. 105), uma vez que o encontro com o outro reque de mim responsabilidade. Responsabilidade essa que rompe com os limites da individualidade e do humano, posto que no território quilombola não é possível olhar para as coisas, seja elas gente ou natureza, exclusivamente de maneira separada. A medida que desenvolvo um novo olhar para o outro, desperto também um olhar para mim, resgato aquilo que me faz um todo, não mais fragmentado.

A relação com o território faz sentir uma força harmônica, sentimento de calma e segurança, onde o Cronos já não tem mais espaço, dado que não se trata de uma relação espaço-tempo imediata. Requer abertura a uma ontologia constituída pela ancestralidade, que a qualquer e todo momento faz emergir memórias propícias, em um contínuo movimento de passado-futuro em construção do presente.

A primeira parte da pesquisa se desdobrou sobre a análise bibliográfica de artigos, dissertações, livros, que abordavam a temática da narrativa e da oralidade em territórios tradicionais. A segunda etapa consistiu inserção no campo de pesquisa e mapeamento dos moradores a serem entrevistados. Realizamos oito visitas de campo e em todas, registramos nossas percepções e vivências em diários de campo. Fizemos parte da pesquisa cinco moradores, um do sexo masculino e quatro do sexo feminino, com idade entre 18 e 78 anos, dentre esses, alguns foram entrevistados mais de uma vez. Os critérios para participação da pesquisa foram: lideranças comunitárias e religiosas, idosos engajados em movimentos coletivos e jovens religiosos, especificamente filhos de santo. Além dessas pessoas, fomos afetados por falas de vários outros moradores do quilombo, os quais entramos em contados de maneira extraordinária durante as visitas a campo, sendo elas vividas em conversas de beira de estrada ou em cafés da tarde nas varandas. A terceira etapa a investigação consistiu na realização de cinco entrevistas. Foram realizadas entrevista semiestruturadas, com o intuito de compreender as concepções de saúde mental e as práticas cotidianas de cuidado presentes no território quilombola, bem como, as articulações dessas práticas com a narrativa e a oralidade. Os percursos analíticos seguiram a análise de conteúdo por categoria temática, a partir da construção de duas categorias: a oralidade como cuidado coletivo; narrar com o território: formas de enraizamento no quilombo. Após análises realizamos devolutiva da pesquisa à comunidade.

3. Resultados e Discussões

Entendemos que as informações construídas são elaborações conjuntas, resultantes da interação no campo entre pesquisadores, moradores e ancestrais. Na busca de compreender a atuação da narrativa e da oralidade como dispositivo de fortalecimento de vínculos e produtora de saúde mental nos territórios quilombolas. De modo a identificar o ato de narrar e a oralidade como práticas promotoras de saúde mental no território quilombola. Temos então como categoria analítica: a oralidade como cuidado coletivo; narrar com o território: formas de enraizamento no quilombo.

A oralidade como cuidado coletivo é a categoria que desvela a palavra falada constitutiva de espaços de cuidado e promoção da saúde comunitária. É a partir da oralidade que os povos tradicionais refletem em sinal de alerta sobre o futuro com base na memória que, dentre vários elementos, coloca a resistência frente a constante pretensão de uma lógica universalizante. Portanto, a oralidade circular preserva o povo tradicional de possíveis ameaças, ao tempo que abre caminhos e constrói novas histórias afirmativas na vida coletiva.

A categoria narrar com o território: formas de enraizamento no quilombo, reúne as evidências do território como um lugar vivo e dialógico. No movimento contínuo da narrativa está o retorno ao passado, o qual possibilita no presente autenticar suas raízes. Além disso, a comunicação não ocorre apenas entre os humanos, é a natureza espaço e autora que compõe essas narrativas. O território estabelece uma pedagogia de cotidiano e ensina a solidariedade entre as famílias, evidenciando que humano e natureza não estão apartados. O território vivo e fértil narra histórias de seus antepassados, esse espaço tem como característica determinante a confiança, a intimidade a promoção do bem viver.

3.1 A oralidade como cuidado coletivo.

A líder comunitária ao descrever sobre a história da comunidade e suas motivações, enfatiza diversas vezes que “... uma história nunca é contada do começo ao fim. Que ora lembra de um fato, ora de outro, e assim, a conversa nunca se esgota” (Diário de campo, 17/12/2022). Estas histórias incompletas, Michael Pollak (1989), chama de memórias subterrâneas, as quais fazem parte da cultura de um povo, mas ainda não compõe a memória oficial do país, e quando oportuno emergem em forma de resistência e de identidade coletiva. Dessa maneira, Margarida, liderança comunitária de Poços do Lunga, afirma que:

Desde os seis anos, eu comecei a entender. Minha vó me passou muita coisa, mas naquela época eu não entendia muito porque eu ainda era uma criança e não tinha como entender, na verdade né? Mas com o passar do tempo eu vou vendo tudo aquilo que ela falou. Assim... eu fui descobrindo aos poucos, né? Ela me falou isso quando eu tinha seis anos, né? Até hoje eu lembro. Era pra mim ir memorizando pra quando chegar nesse tempo eu saber o que ela tava falando, e saber falar o que ela tinha falado pra mim, o que ela deixou de herança pra mim. Isso pra mim é uma herança, né? (Margarida).

Margarida deixa bem explícito que os ensinamentos orais de suas ancestrais vão ganhando compreensão em diferentes momentos históricos e que ainda são poucas as pessoas não quilombolas que se interessam em conhecer, aprender e valorizar a cultura local. As histórias do quilombo estão dispostas como narrativas de fortalecimento de suas experiências como povo negro, as memórias e suas narrativas atuam como dispositivo supravivente, que afirmam suas vivências ancestrais coletivas frente aos processos de exploração e exclusão impostos sobre seu território. São um povo “supraviventes” . . . afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência” (Simas & Rufino, 2020, p. 6).

No território quilombola nada acontece isolado, tudo é um conjunto, ali estão presentes sobretudo os ancestrais, ensinando práticas diárias de trabalho e relação com a terra e o território que tem como principal função o cuidado coletivo. Assim, os afazeres do cotidiano são aprendidos na lida do dia a dia. É o caso da costureira Maravilha. Ao perguntamos como ela aprendeu a costurar, ela responde:

A minha mãe fazia coberta de menino novo se enrolar, naquele tempo não tinha muito pano, ela pegava retalho e fazia as cobertas, e as mantas que cobria os bebês quando nascia. A minha mãe já sabia com a finada Dália, e depois eu fui vendo ela costurar. Fui vendo ela costurando e cozinhando também, do mesmo jeito dela, eu faço (Maravilha).

A manta de retalho que protegia os bebês do frio é bem significativa, tendo em vista que, como o próprio nome já diz, o cobertor era composto de vários pedaços de pano utilizados por seus ancestrais. Assim, podemos fazer uma analogia entre o objetivo e o subjetivo, afirmar que os bebês quilombolas eram protegidos do frio e embalados no sono rodeado pelos seus ancestrais que estavam presentes também nos panos de retalho. Dessa forma, desde o nascimento a criança está envolta dos seus, embaladas por histórias, desafios e resistências. A presença ancestral trás, presentifica e reelabora histórias coletivas, não permitindo que a nova geração quilombola seja aniquilada pela pretensão do saber hegemônica colonial que ignora a sabedora tradicional e histórica.

Diante da tentativa de dominação histórica sobre a vida na comunidade quilombola, as memórias pessoais emergem como outras possibilidades de narrar o tempo e a experiência, sempre incluindo neste processo outros autores, como familiares, vizinhos, amigos, o que compreendemos como uma forma de criar enlaces desta história não resumida a uma vida individualizada, mas existências coletivas. Os quilombolas realizam um constante movimento de negociação entre as memórias coletivas e as memórias individuais. Nesse movimento a narrativa é o fio condutor que auxilia na conciliação de ambas as memórias, une as gerações e transmite o conhecimento ao longo do tempo, pois é por meio da palavra falada que as coisas e as relações com o mundo ganham vida (Santos, 2015). A oralidade continua viva e resistente, a fala de dona Bromélia é um exemplo: “*Eu sei do Pai Nosso Pequenino e de muitas cantigas, de muitas*

orações. Eu não sei ler, mas tenho tudo aqui (na cabeça). Esse povo novo sabe ler, mas esquece de tudo” (Diário de Campo, 25/07/2022).

A oralidade que enfrentou a escolarização oferecida pelos colonizadores, a qual foi imposta com o intuito de alfabetizar os povos com outros saberes e não com os ensinamentos transmitidos pelos mestres e mestras de ofício, de maneira a desqualificar os saberes ancestrais, continua a ser um dos elementos vinculadores dos saberes e cultura quilombola. Embora na fala de dana Bromélia tenha uma crítica aos jovens, é possível identificar esses mesmos jovens nos espaços comunitários do quilombo, principalmente durante os rituais religiosos. O culto a Ogum é embalado por cantos que são proferidos por diversos jovens da comunidade quilombola. A oralidade e a narrativa percorrem diversos caminhos no quilombo e seus métodos de aprendizagem e permanência não se restringem a uma única forma. Concordamos com Antônio Bispo dos Santos (2015, p.45) ao afirmar que: “. . . mesmo que queimem a escrita, Não queimarão a oralidade. Mesmo que queimem os símbolos, Não queimarão os significados. Mesmo queimando o nosso povo, Não queimarão a ancestralidade”.

3.2 Narrar com o território: formas de enraizamento no quilombo.

O narrar não se restringe a relação entre os humanos, a narrativa se faz com o lugar e junto ao território. O narrar no quilombo não se caracteriza como uma ação de conquista da racionalidade humana sobre a natureza, mas enquanto uma continuidade dos fluxos e ciclos da vida em natureza: vidas como expressão do território. Narrar é enraizar a experiência no chão em que se pisa e na terra em que se planta. Como elemento de enraizamento coletivo é destacado o umbuzeiro, ainda vivo e bem cuidado, na sede comunitária: *“Ele é centenário. Tem por mais de 180 anos. Foi a mãe e hoje continua sendo, porque hoje quando ele tem umbú... esses umbú todo mundo vem buscar”* (Diário de Campo, 17/12/2022). O umbuzeiro foi e continua sendo o sustento das famílias quilombolas. Outrora o principal alimento produzido era a umbuzada, a qual era consumida com a farinha de mandioca. Atualmente, na cooperativa comunitária a partir do umbu, as mulheres fabricam doce, quebra-queixo, nego bom, a tradicional umbuzada, e como produto principal, a polpa do umbu, que é vendida a prefeitura para ser utilizada na merenda escola.

Na cosmovisão quilombola o umbuzeiro não é apenas uma mãe enquanto fornecedor de alimento, é um próprio outro semelhante, que dialoga, traz proteção e tem em sua sombra as histórias de muitas vidas que passaram por ali. Isto posto, percebemos que as comunidades tradicionais possuem uma ontologia própria, que está na contra mão da lógica antropocêntrica, da dualidade humano-natureza. Ailton Krenak diz que o *“Watu é nosso avô. O rio Doce, Watu, nós cantamos para ele, nós conversamos com ele e desenvolvemos uma consciência, desde pequeno, que aquele ser vivo, que ele tem personalidade, ele tem*

humor” (2020, p. 25). Assim, a ancestralidade do umbuzeiro situado na sede de Poços do Lunga, a todo tempo se comunica com seu povo, os sustenta e os orientam.

É na relação com a natureza que Maravilha, moradora do quilombo encontra calma e sossego. Ao perguntamos como é o seu contato com a *natureza* e o porquê dos seus benefícios, ela nos responde:

É porque eu acho tudo fresquinho. Quem chega perto das árvores chega sai aquelas frescurinha, com aquilo gostoso, aquele friozinho. Eu acho muito bom. . . . As vezes eu vou pra aquele pé de pau ali e fica aquela fresquinha boa. Se eu boto uma cadeira lá, eu fico com um sono... bem ali atrás! (Maravilha).

A relação de Maravilha com a natureza nos faz pensar nas inúmeras pessoas com problemas de insônia e que dormem a base de medicação farmacêutica. Para a moradora da comunidade Lunga, o seu relaxante nada mais é que o pertencimento e intimidade com a natureza, formado pelo conjunto: árvores, pássaros e brisa. Essa relação entre natureza e vida humana não se finda no quilombo, mas se espraia para uma cosmovisão dos povos que viveram a afrodiáspora, como remete ao relato de Jeferson Tenório, através da personagem Martha que, experimenta “*O mar como remédio. É com ele que . . . irá conversar pelos próximos anos. A proximidade com o mar será uma condição para seguir, embora ela não soubesse*” (Tenório, 2020, p. 38).

Nessa relação com a natureza, o umbuzeiro é a casa que desde muito tempo abriga os quilombolas de Poços do Lunga, lá foi celebrada as primeiras missas e foi por muito tempo sala de aula, onde inicialmente os alunos se sentavam em suas raízes, que mais tarde seus pais fizeram bancos de Mulungu, até finalmente ser construída uma escola para a comunidade. De frente ao umbuzeiro estar situada a casa da liderança comunitária, lugar de encontro, de reuniões, acolhimento de demandas sociais e articulações políticas, tão comum na rotina do dia a dia. São reuniões que se estabelecem em um jogo de palavras na qual ora se evidencia literaturas populares e seus mitos, ora o debate de projetos políticos nos quais faz-se necessário a articulação da comunidade.

Essas narrativas são constituintes de uma pedagogia do cotidiano. A maneira como as comunidades tradicionais vivem o dia a dia é um forte sistema de solidariedade, de um ouvir e falar. Uma forma de pertencimento comunitário e territorial que sob a ancestralidade revitaliza as energias e produz táticas de resistência. É o que nos diz Margarida, ao perguntamos de onde vem sua força:

Essa força quem deixou foi a minha bisa, né? E eu ver o sofrimento dessas mães de família. . . . Meu pai ia pra o Sul, pra mata, cortar cana. E essas mulheres ficavam em casa. Minha mãe... essas mulheres que eu falo, em todas né? Ficava só elas em casa, né? Elas que ficavam pra tomar de conta da roça. Elas quem ficava pra limpar. Elas ficava com a barriga desse tamanho, dias de parir. No cabo da enxada. Quando elas chegavam em casa, no outro dia... meia noite o foguete subia. Que aqui quando tinha menino, o foguete estralava atoa aí, que era pra mostrar que nasceu, nera? (Margarida)

Através das experiências da comunidade fica manifesto que a oralidade é o fio condutor que une as gerações, transmite conhecimento e cria estratégias de luta. É por meio da palavra falada que as coisas e as relações com o mundo ganham vida, pois ao entrar em contato com as narrativas ancestrais e suas próprias histórias, aquilo que o construiu, o indivíduo revisita suas raízes e sua essência, em um movimento que é ao mesmo tempo retorno ao passado, composição e reconstrução da sua história.

A ancestralidade constitui a memória coletiva dos povos tradicionais, cria laços de solidariedade e integração social de modo que tais narrativas nunca acontecem isoladas, mas sempre em conjunto. Pois, “. . . para além de uma simples atividade comunicativa, existe interação entre os que contam e os que ouvem as histórias, cuja afetividade presente fortalece os vínculos familiares e de grupo, além de dar sentido ao ato de contar” (Mascarenhas & Oliveira, 2017, p. 11). Neste sentido, podemos afirmar que as narrativas promovem uma relação de confiança e de cura junto ao território que se expressa como natureza do lugar, como nos conta um morador a partir da seguinte estória:

Certo dia, um rezador/curador ia no pingo do meio dia com seus bois de carro para dar água no açude. Veio uma mulher, o interrompeu, e mesmo ele falando que estava apressado, a mulher insistiu que rezasse pelo seu filho que estava com dor de dente. O rezador chateado com a mulher e na pressa para saciar a sede dos animais, fez a reza ao contrário e em silêncio, pedindo que o dente doesse ainda mais e que aquela mulher o deixasse seguir caminho. No outro dia, novamente a mulher lhe esperava para agradecer, que seu filho estava curado (Lírio).

Nesse sentido, compreendemos que apesar da força da palavra e da sua sacralidade, o principal elemento é a confiança, a valorização na sabedoria e cura popular tradicional.

. . . você não dá nada nela, mas o poder que ela tem... primeiramente aquele lá de cima e você tendo fé mesmo. Que não adianta você ir tomar um... eu faço uma garrafada pra você, você _ahh! E isso serve? Vou tomar isso, mas isso não serve pra nada não. É melhor você não tomar. Muito melhor você não tomar! Que você vai tomar e ela não vai te servir. Aí você vai jogar a culpa em mim: _ahh, ela disse que sabia fazer isso. Isso aí é nada, isso não me serviu foi pra nada. Por que não serviu? Porque se eu to com a fé agora, você também tem que está junto comigo. Não é só eu ter fé, e você ficar desacreditado. Não serve! (Margarida).

As relações comunitárias e os laços de confiança são o berço das palavras sagradas, de modo a suscitar vitalidade e cura, pois pronunciar a palavra é materializá-la. Assim, a palavra propicia força, “na tradição africana, a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra-se em relação direta com a conservação ou com a ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca” (Hampaté Bâ, 2010, p. 174). E para celebrar a harmonia humano-mundo, a comunidade Poços do Lunga realiza a tradicional festa do *meado de agosto*, agradecendo a colheita da lavoura:

O meado de agosto... a minha bi... a mãe da minha bisavó, ela já fazia essa festa. . . . e a minha vó Dália continuou fazendo essa festa, porque todo mundo se organizava pra fazer o roçado... a família toda, que ninguém tinha carro de boi. Tinha que ser no braço mesmo, né? _ Essa semana, Angico vinha fazer meus canteiros, na outra, próxima semana, eu já ia ajudar o Angico. No tempo da colheita a gente fazia essa

mesma parceria. A família toda se ajudava. Aí quando terminava a colheita, o quer que a gente ia fazer? A gente ia comemorar. A festa do meado de agosto, pra gente, é como se fosse uma festa de final de ano. Do mesmo jeito! (Margarida).

A composição das comunidades quilombolas por meio das narrativas revela um espaço de valorização simbólica geradora do bem viver, pois se Langdon afirma que “. . . a enfermidade é uma experiência psicossocial, na qual os processos simbólicos formam a ponte entre a realidade social do contexto e a realidade psicobiológica do paciente (2014, p. 1022), podemos inverter tal lógica e afirmar que o arranjo das comunidades tradicionais é a ceva para a saúde. Uma pedagogia do cotidiano que se mostra tão presente, desde a disposição habitacional no território às práticas desse povo.

4. Conclusão

Enfatizamos que a narrativa oral é um elemento central nas comunidades quilombolas, que mesmo diante das constantes ameaças, como uma alfabetização baseada em saberes e valores eurocêntricos e a presença tecnológica, a memória coletiva ancestral é promotora de uma rede de cuidado/saúde. É interessante perceber que a tentativa de destruição da memória, ou até mesmo a destruição de um povo, faz com que a memória se imbrique por outros caminhos, ficando por um tempo camuflada e amparada na forma de mito, alimentando-se da cultura, da literatura e da religião. E torna-se visível no momento propício.

Os sujeitos quilombolas utilizam o poder das palavras nos rituais religiosos, curas, prosas habituais e também nos meios formais, gerando assim, organização política que tem como base os valores ancestrais e os vínculos comunitários. Além disso, as narrativas são constituintes de uma pedagogia do cotidiano. A maneira como as comunidades tradicionais vivem o dia a dia é um forte sistema de solidariedade, de um ouvir e falar. Uma forma de pertencimento comunitário e territorial que sob a ancestralidade revitaliza as energias e produz táticas de resistência.

Desta forma, destaco que a partir da pesquisa pude perceber o quanto a forma de organização territorial: a forte relação com a natureza e o sistema de solidariedade, cria uma rede de saberes coletivos a partir da oralidade e, sob táticas ancestrais promove a saúde e o cuidado comunitário. A inserção em comunidades tradicionais possibilitou vislumbrar outros mundos, instigando o desejo pelo conhecimento popular tradicional e desenvolvimento de práticas de saúde mental coletivas mais imbricadas com a linguagem de cada grupo em específico.

Referências

Ayres, J. R., Paiva, V., & Buchalla, C. M. (2012). Direitos Humanos e Vulnerabilidade na prevenção e promoção da saúde: uma introdução. In V. Paiva, J. R. Ayres, & C. M. Buchalla (2012).

Vulnerabilidade e direitos humanos – prevenção e promoção de saúde: da doença à cidadania (pp. 09-22). Curitiba: Juruá. Araújo, E. M., & Silva, H. P. (2015). Apresentação do Dossiê. *Revista ABPN*, 7(16), 12-15.

Félix, R. (2020). Da voz à letra: oralidade, ancestralidade e resistência. In A. Ribeiro, J. G. dos S., & R. Félix, (2020). *Volta miúda: quilombo, memória e emancipação* (pp. 147-162). Ilhéus, BA: Editus. <http://books.scielo.org/id/kynm8/pdf/felix-9786586213317-07.pdf>

Hampaté Bâ, A. (2010). A tradição viva. In Z. Iskander (Org.). *História Geral da África*. Ática, Unesco.

Krenak, A., & Maia, B. (Org.) (2020). *Caminhos para a cultura do bem viver*. [S. l.]. <https://www.biodiversidadla.org/Recomendamos/Caminhos-para-a-cultura-do-Bem-Viver>

Langdon, E. J. (2014). Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1019-1029. <https://www.scielo.br/pdf/csc/v19n4/1413-8123-csc-19-04-01019.pdf>

Lévinas, E. (2011). *De outro modo que ser*. (J. L. Péres & L. L. Pereira, Trans.). Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

Martín-Baró, I. (2009). Para uma psicologia da libertação. In R. S. L. Guzzo, & F. Lacerda Junior (Orgs.). *Psicologia social para América Latina* (pp. 180-197). Alínea.

Mascarenhas, M. D. M. da S., & Oliveira, S. da S. (2017). Narrativas, tradições orais e suas manifestações nos territórios quilombolas África e Laranjituba, Moju PA: A narrativa do EMU – A bebida sagrada. In *Anais do Simpósio Nacional de História - Contra os preconceitos: história e democracia*, Brasília, 2017 (pp. 1-17). Brasília: UNB.

Montero, M. (2006). *Hacer para transformar: el método en la psicología comunitaria*. Paidós.

Pollak, M. (1992). Memória e identidade social. (M. Augras & D. Rocha, Trad.). In *Estudos Históricos*, 5(10), 200-212. <https://doi.org/10.1590/s0103-21861992000100009>

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. (D. R. Fraksman, Trad.). In *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15. <https://doi.org/10.1590/S0103-21861989000100003>

Santos, A. B. dos. (2015). *Colonização, quilombos: modos e significados*. INCTI/UnB.

Serres, M. (1993). Filosofia mestiça. (M. I. D. Estrada, Trad.). Nova Fronteira.

Simas, L. A., & Rufino, L. (2020). *Encantamento: sobre política de vida*. Mórula.

Tenório, J. (2020). *O avesso da pele*. [S. l.]: Companhia das Letras.